

APRESENTAÇÃO

A POESIA DE UMA FESTA DE COLHEITA

Sinto-me honrado e muito gratificado com o convite que me faz o “Grupo Psicanalítico de Alagoas” (GPAL) para escrever a “Apresentação” do primeiro número de sua Revista *Tópica*. Na verdade, esta festa de lançamento de uma nova Revista de Psicanálise para comemorar os dez anos de existência e de atividades de um grupo de jovens psicanalistas, que se dedicou à causa da Psicanálise em sua terra natal, tem a poesia de uma festa de colheita, pois esta Revista simboliza os primeiros frutos de um longo trabalho, do qual tive a alegria de poder participar, oferecendo uma humilde, mas muito cordial, colaboração.

A metáfora da colheita desperta, em minha memória, a lembrança de uma frase do filósofo Martin Heidegger que me parece muito sugestiva e adequada para este momento. Ei-la: “ *O fazer do camponês não desafia o solo do campo. Ao semear a semente, ele entrega a semeadura às forças de crescimento e protege seu desenvolvimento.*”¹. Como toda metáfora, esta também é rica de sentido e, conseqüentemente, adequada para traduzir o significado mais profundo deste acontecimento que estamos celebrando. A metáfora ajuda-nos a ver o invisível e a falar o inefável.

Os membros do “Grupo Psicanalítico de Alagoas” (GPAL), que inicialmente se chamava “Grupo de Estudos Psicanalíticos de Alagoas” (GEPAL), reuniram-se, pela primeira vez, em outubro de 1992. Animava-os o sonho de fundar um grupo psicanalítico que se empenhasse em fomentar o estudo da Psicanálise e a formação de novos psicanalistas. E com este ideal dentro da alma, eles saíram a campo e começaram o árduo trabalho de plantar seus sonhos.

Primeiramente, foi preciso preparar o terreno, o que exigiu horas de intenso trabalho e completa dedicação. Fizem parte deste trabalho preparatório, os inúmeros sacrifícios que todos os membros do grupo tiveram que suportar para terminar suas respectivas formações psicanalíticas, que deles exigiam um deslocamento semanal até à cidade do Recife, onde funcionava o Círculo Psicanalítico de Pernambuco (CPP), ao qual o GEPAL, inicialmente, era filiado. Sem perder a esperança nas horas de maiores dificuldades, o grupo coeso mutuamente se ajudava e nutria-se de esperança, pois a esperança é a virtude das horas difíceis. É a esperança que sustenta nossa capacidade de luta, e nada de mais triste existe do que perder a esperança. Quem perde a esperança aceita a derrota antes do combate findo, mas quem espera, acredita na vitória, mesmo quando a luta parece perdida. O desafio é esperar e, se necessário, esperar mesmo contra a esperança! Quem assim espera cria um horizonte especial, no qual, quando menos se espera, o inesperado acontece!

Nesse campo assim lavrado, os jovens psicanalistas de Maceió deitaram suas sementes, “acreditando na sua força de crescimento”. Há uma lição muito profunda no trabalho da semente, que silenciosamente germina no coração da terra. A sua morte, porém, não é morte, é vida, pois “*morre a semente se tornando vida, lamentando a vida não vivida, daqueles que morreram antes da morte*”.

Para o psicanalista, a palavra tem a força criadora das sementes. E os jovens psicanalistas de Maceió, acreditando nisso, passaram, então, a semear, no campo trabalhado, as palavras portadoras do seu ideal psicanalítico. As palavras ditas e ouvidas no espaço da análise, nas reuniões de estudo e nos diversos cursos programados para aprofundar os conhecimentos tanto no campo da teoria quanto no campo da prática psicanalítica, todas essas palavras tinham uma força criadora, ou, como dizia Heidegger, “um poder de crescimento” que as fazia germinar em silêncio, como, em silêncio, germinam as sementes que o lavrador confia ao coração da terra.

Mas, para que essas sementes frutifiquem, o trabalhador sabe que é preciso “proteger o seu desenvolvimento”. Necessário se faz livrá-las das intempéries do clima, dos ataques dos insetos, da aridez do solo. Vale dizer, para que as sementes germinem, o semeador também trabalha, cuidando, com dedicação, do campo semeado. Isto feito, um belo dia a arvoretinha desponta, aquela que a semente já

¹ Martin Heidegger. “*A Questão da Técnica*”. Tradução de Marco Aurélio Werle. In *Cadernos de Tradução*. São Paulo, Departamento de Filosofia da USP, Volume 2.

anunciava no seu ser de semente, como uma promissora possibilidade. E com a árvore vêm também depois os frutos, pelos quais se conhece o valor da árvore. É, finalmente, com o aparecimento dos frutos, chega o tempo da colheita. Foi o que me levou a dizer que o lançamento do primeiro número da Revista Tópica tem a poesia da festa de uma colheita.

Gostaria de destacar e comentar um pouco o nome escolhido para a nova Revista. Tópica é uma palavra derivada do vocábulo grego “*topoV*”, o qual significa lugar, mas pode também significar a matéria de um discurso². Assim sendo, espera-se que a nova revista, com o sugestivo nome de Tópica, transforme-se, para os psicanalistas de Maceió, no lugar da pesquisa psicanalítica. Isto é particularmente significativo porque a revista aparece no momento em que o grupo que, até então, era um grupo de estudos, passa agora a ser também um lugar (*topoV*) onde serão oferecidos seminários de formação psicanalítica para quem deseje abraçar a causa psicanalítica. O lugar de formação, porém, não pode deixar de ser também um lugar de estudo e de pesquisa. O nome Tópica, na riqueza de sua significação semântica, lembra, pois, que a nova revista é o lugar da pesquisa psicanalítica. E isto nos leva a refletir sobre o sentido da pesquisa.

Pesquisar é estar sempre na procura de algo que nos transcende. A atitude da procura e da pesquisa nasce da fonte de nossas inquietações interiores e de nossas angústias existenciais. Quem pesquisa não se contenta com o que conhece hoje, e aposta no amanhã. E isto é extraordinário, porque se olhando o passado que não está mais ao nosso alcance e o que, nele, deixou de ser feito, podemos ser tentados de dizer com tristeza: “*ontem é nunca mais*”. Apostando no amanhã novos horizontes se abrem diante de nós, porque como diz o mesmo poeta Antônio Machado: “*amanhã é sempre*”.

É isto que sustenta nossa vontade e nosso desejo de pesquisa. Só os acomodados não procuram nem pesquisam, porque, infelizmente, perderam a capacidade de sonhar. Ora, o nosso amanhã será do tamanho de nossos sonhos! O decisivo, porém, é velar para que nossos sonhos não se tornem miragens. Um provérbio alemão diz: “*Träume nicht dein Leben, lebe dein Traum*”, o que significa, não sonhes a tua vida, vive o teu sonho. E eu acrescentaria: para viver os sonhos é preciso situá-los no aqui e agora da realidade presente em que somos, existencialmente, situados.

A atitude da procura e o gosto da pesquisa ensinam-nos ainda uma outra lição: o seu caminho é cheio de curvas, pois é feito de questionamentos e de dúvidas. Ilude-se quem pensa que o caminho da procura e da pesquisa é uma linha sempre reta. Quem assim pensa e os que assim caminham, certamente não irão muito longe. Na vida real, os caminhos, que nossos passos estão continuamente criando, são sempre cheios de curvas, e, com isso, estou querendo dizer, que nossas pesquisas são repletas de interrogações e de incertezas. Nelas, não há conquistas definitivas, porque a verdade absoluta é inacessível. No caminho da procura e da pesquisa, estamos sempre achando e perdendo o que procuramos. Mas, o que se perde não está irremediavelmente perdido, pois pode ser recuperado em um plano mais alto, ou em uma síntese mais fecunda. As antíteses contra as quais esbarram nossas teses e convicções, podem recuperar o que elas negam em uma síntese mais ampla, onde teses e antíteses se complementam, ao invés de se excluírem. Perspectivas novas desdobram-se diante de nossos olhos, que antes sequer imaginávamos que pudessem existir. Assim desdobradas essas perspectivas revelam-nos valores, que, embora continuem os mesmos, são, no entanto, valores sempre novos “*na sucessão da vida que mata e ressuscita tudo o que temos e somos*”³. E nesta dialética da vida que nasce da morte, encontramos, novamente, a lição da semente, que morre e ressuscita como árvore e como árvore nos dá frutos para a alegria e festa de nossas colheitas. Que sejam abundantes aquelas que irão ser colhidas no espaço e no lugar da pesquisa psicanalítica que o Grupo Psicanalítico de Alagoas nos oferece com a sua Revista Tópica.

Zeferino Rocha

² Na Lógica Filosófica, a Tópica é a teoria dos lugares comuns, isto é das classes gerais nas quais podem ser colocados todos os argumentos. Por sua vez o vocabulário psicanalítico designa como Tópica o ponto de vista ou a teoria que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em um certo número de sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente (Primeira Tópica) ou de instâncias ego, id e superego (Segunda Tópica) dotados de caracteres e de funções diferentes.

³ Daniel Lima. *Perdidos e Achados*. (texto datilografado).